

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

Priscila da Silva Correa

**EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE JUNTO
AO SUBPROJETO TEATRO-PIBID DA UFRGS**

Porto Alegre, dezembro de 2011

Priscila da Silva Correa

Experiências de Formação Docente Junto ao Subprojeto Teatro-PIBID da UFRGS

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Teatro – Licenciatura do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Teatro

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos

Porto Alegre, dezembro de 2011

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... primeiramente à minha **família**, pelo amor e apoio incondicionais que dedicaram a mim por toda minha vida. Mesmo não sendo profissionalmente ligados às artes, sempre acreditaram que eu poderia ter uma carreira de sucessos nesta área. Tendo sido a primeira artista da família – e também a primeira a ingressar na universidade pública – conto com o eterno apoio da minha família para não apenas atender as expectativas depositadas em mim, mas também superá-las;

... à professora **Vera Lúcia Bertoni dos Santos**, que com paixão, dedicação e profissionalismo únicos, coordena lindamente o Subprojeto Teatro PIBID-UFRGS, e que com muita generosidade e paciência orientou o desenvolvimento deste trabalho que apresento agora em conclusão ao Curso de Licenciatura em Teatro;

... aos demais **colegas e amigos do Subprojeto Teatro PIBID-UFRGS**, pois sem a parceria deles esta experiência não teria sido tão valiosa para a minha (e para a nossa) formação profissional;

... a **todos os amigos**, que nos momentos difíceis e de crise souberam disponibilizar ouvidos para eu desabafar e ombros para eu me apoiar, e que nos momentos de alegria e satisfação souberam compartilhar sorrisos;

... à memória de **Suzane Mabel Prado**, minha professora na Oficina de Teatro Olga Reverbél, meu primeiro exemplo de dedicação, paixão e excelência no ensino de Teatro, que deixou marcas na minha formação pessoal e profissional que pretendo levar sempre comigo.

Muitíssimo obrigada,

Priscila da Silva Correa

RESUMO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa da CAPES/MEC, que promove a qualificação da formação profissional de professores a partir da interação entre licenciandos bolsistas de diversas áreas e universidades brasileiras e a realidade escolar da rede pública de ensino. Neste sentido, o trabalho propõe-se a avaliar o Subprojeto Teatro da UFRGS, sediado no Instituto de Educação General Flores da Cunha (IE), em Porto Alegre, através do mapeamento das suas ações junto ao núcleo teatral da escola (TIPIE) e de reflexões acerca de suas atividades pedagógicas e da experiência dos bolsistas na relação com a comunidade escolar do IE.

Palavras Chave: professor de teatro; iniciação à docência; realidade escolar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 O PIBID	8
2.1 O PIBID NA UFRGS	8
2.2 O SUBPROJETO TEATRO PIBID-UFRGS	10
2.2.1 O TIPIE de Olga Reverbel	11
3 A ENTRADA NA ESCOLA	19
4 ATIVIDADES PEDAGÓGICAS	21
4.1 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS	22
4.2 OFICINAS	24
4.3 APRECIÇÃO TEATRAL	26
5 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS ACADÊMICOS	29
6 REFLEXÕES	30
6.1 A EXPERIÊNCIA DOS BOLSISTAS	30
6.2 A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS	32
6.3 AS FUNÇÕES DO PROFESSOR DE TEATRO	35
7 CONCLUSÃO	36
8 REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Minha primeira experiência formal em teatro foi no ano 2000, na Oficina de Teatro Olga Reverbel, então sediada em um casarão localizado na Rua Coronel Bordini, em Porto Alegre. Na época, embora eu ainda não soubesse, a professora Olga Reverbel já era um dos grandes nomes do ensino de teatro no Rio Grande do Sul e no Brasil, graças ao trabalho desenvolvido desde a década de 1950 no Instituto de Educação General Flores da Cunha (IE), tradicional escola da capital gaúcha, onde, em 1956, ela fundara o Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação (TIPIE).

O espaço do TIPIE era mais que uma sala de aula. Não só por suas dimensões e estrutura diferenciadas, mas sobretudo porque foi ali que Olga Reverbel desenvolveu trabalho pioneiro no que tange à inclusão do teatro como disciplina curricular e se destacara como uma das precursoras de uma discussão sobre a importância do ensino de teatro na escola que se alastraria por diversos territórios.

Foi através das experiências teatrais que vivenciei na Oficina de Teatro Olga Reverbel que escolhi minha profissão. Ainda com treze anos de idade, decidi que queria seguir carreira no teatro. Hoje, onze anos depois do início da minha trajetória, encerro um importante episódio da minha formação educacional e teatral: a conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Hoje, depois de ter passado tanto tempo, e de ter vivido tantas experiências, compreendo a importância do trabalho desenvolvido por Olga Reverbel a partir da criação do TIPIE, que possibilitou a existência do título de Licenciada em Teatro que obtenho hoje com a apresentação deste trabalho.

Em 2009, quando eu atuava como Bolsista de Produção do Departamento de Arte Dramática (DAD) do Instituto de Artes (IA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fui convocada juntamente com a professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos para representar o DAD numa reunião do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a fim de conhecer a proposta, então em vigor, do projeto e avaliar uma possível adesão do Departamento de Arte Dramática ao

Programa. Após a reunião, a professora expressou a mim suas ideias de usar esta oportunidade do PIBID para, além de qualificar a formação dos licenciandos em teatro, resgatar o trabalho de Olga Reverbel, a história do TIPIE e sua função de centro cultural e teatral no Instituto de Educação General Flores da Cunha, que há anos encontrava-se desativada por falta de professor de teatro no quadro docente da escola e pela carência de recursos a ela destinados.

O Subprojeto Teatro PIBID da UFRGS foi criado pela professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, enviado à CAPES e aprovado no início do ano de 2010. O passo seguinte foi a seleção de bolsistas para participar do Programa. No mês de maio, dez bolsistas remunerados e dois colaboradores selecionados iniciaram suas atividades no IE. As ações de iniciação à docência desenvolvidas por eles, sob a coordenação da professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos e supervisão do professor Geraldo Bueno Fischer, é o tema deste trabalho que apresento em conclusão ao curso de Licenciatura em Teatro.

A participação no PIBID caracteriza-se, pela natureza de seus objetivos e métodos, em um espaço para docência refletida e qualificação da formação profissional de professores. Baseada na minha participação como integrante da equipe deste Subprojeto, nas experiências e aprendizados obtidos pela convivência com a comunidade escolar e na prática docente, apresento as principais ações realizadas no Instituto de Educação General Flores da Cunha e trago uma reflexão sobre como a participação neste Programa contribuiu para a qualificação profissional desses futuros professores de teatro, sobretudo para a minha própria.

Neste sentido, dialogo com alguns autores e pesquisadores de educação e teatro que fazem parte do embasamento teórico desses bolsistas sobre as diversas funções que o professor de Teatro acaba tendo que desempenhar no âmbito escolar.

Acredito que este depoimento refletido que trago como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro poderá servir para outros licenciandos desta arte como um guia, que mostra algumas das diversas funções desempenhadas pelo professor de teatro na escola, e como esse processo pode ocorrer.

Desta forma, no segundo capítulo de meu trabalho, intitulado “O PIBID”, e subdividido em duas seções, venho contextualizar os objetivos principais desta iniciativa, fornecer alguns dados que comprovam seu crescente desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, sobretudo, propor um mergulho nos objetivos e motivações específicos do Subprojeto Teatro, que é o objeto de estudo deste trabalho.

No terceiro capítulo, discorro sobre as ações iniciais, desenvolvidas paralelamente, nos três primeiros meses de trabalho da equipe do Subprojeto Teatro no Instituto de Educação General Flores da Cunha.

No quarto capítulo, ainda subdividido em três seções, trago o relato das principais atividades de cunho pedagógico realizadas pelos bolsistas do Subprojeto, tais como, as intervenções em aulas em parceria com professores de diversas áreas, as oficinas livres de iniciação teatral e expressão vocal, e os momentos de apreciação e fruição teatral oportunizados pelo Subprojeto à comunidade escolar.

No quinto capítulo, trago uma reflexão que enfoca a indissociabilidade da pesquisa científica à prática docente e a importância de o professor de Teatro manter-se sempre bem instrumentalizado de teoria para poder se fortalecer em sua árdua luta por espaços físicos, políticos e curriculares no âmbito escolar.

No sexto capítulo, trago reflexões e depoimentos sobre as principais impressões relatadas por licenciandos bolsistas e por alunos que participaram das atividades pedagógicas realizadas pelo Subprojeto no Instituto de Educação.

Por fim, na conclusão trago algumas considerações sobre o alcance e as consequências do trabalho desenvolvido pelo Subprojeto no IE, sobretudo para a formação dos bolsistas, futuros professores de teatro, e sobre a perspectiva de que a escola venha, num futuro próximo, a contar com um professor de teatro no seu quadro docente.

2 O PIBID

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa da CAPES/DEB, que visa a qualificação da formação profissional de professores de diversas áreas e a valorização do magistério a partir da oportunidade de interação de licenciandos bolsistas com a rede pública de ensino, abrindo oportunidade para que esses professores em formação tenham uma primeira experiência docente orientada na Educação Básica, com espaço para reflexão e pesquisa, além do convívio com a realidade do ensino público.

O PIBID desenvolve-se em diversas universidades públicas e privadas em todo o território nacional, e prevê, além da participação dos licenciandos bolsistas, ainda a participação de um professor universitário como Coordenador de cada subprojeto e um professor do quadro efetivo de cada escola beneficiada que participa como Supervisor, viabilizando a comunicação, interação e o trabalho entre o Programa e a escola.

2.1 O PIBID NA UFRGS

Na UFRGS, o PIBID é vinculado à Coordenadoria das Licenciaturas (COORLICEN) e desenvolve-se desde o ano de 2007, ocasião em que foram criados seis subprojetos nas áreas de Física, Química, Matemática, Biologia, Letras-Artes e Ciências Sóciohistóricas, vinculados aos cursos de Licenciatura em Química, Matemática, Biologia, Letras – Língua Portuguesa, Artes Visuais, Ciências Sociais e História.

Em 2009, mais três subprojetos foram incorporados aos PIBID-UFRGS, abrangendo as áreas de Pedagogia, Filosofia e Teatro, beneficiando mais 3 escolas da Rede Estadual de ensino de Porto Alegre, e abarcando no total cinco professores bolsistas Supervisores, três bolsistas Coordenadores e trinta e cinco licenciandos bolsistas.

A participação da UFRGS no PIBID tem contribuído, desde o início do projeto, para o fortalecimento das atividades de formação inicial e continuada de professores, promovendo nas Licenciaturas os mesmos níveis de excelência obtidos na formação e carreiras científicas desenvolvidas na Universidade. Além disso, esta parceria tem promovido o aprofundamento das relações entre a Universidade e a Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, relação esta que visa qualificar a formação docente na Rede Estadual e que só vem a crescer com a ampliação do Programa na Universidade.

O Instituto de Educação General Flores da Cunha, por exemplo, tradicional escola estadual de Porto Alegre, atendido pelo Subprojeto Teatro, já se articula com a SEC para solicitar, entre outras reivindicações, a nomeação de um professor de teatro para seu quadro docente, pois diante das ações desenvolvidas pelo PIBID Teatro na escola, ficou explícita a carência de um professor desta área.

Neste sentido, os principais objetivos da UFRGS ao aderir a este Programa são: o fortalecimento da formação inicial e continuada de professores na Universidade através da participação efetiva dos bolsistas nas atividades das escolas parceiras, permitindo, assim, não somente a qualificação profissional desses futuros professores, como também a criação e a pesquisa no ambiente cooperativo entre bolsistas, supervisores, alunos e demais membros da comunidade escolar; o incentivo à carreira docente na rede pública de ensino através da maior integração entre a Universidade e a escola; melhoria da qualidade do ensino da Educação Básica através da participação de bolsistas e professores supervisores nas diversas ações de formação realizadas no âmbito do projeto – como seminários, cursos, palestras e simpósios – e da produção de materiais didáticos e de apoio que possibilitem novas estratégias de trabalho para o professor, assim como maior possibilidade de aprendizagem aos alunos; maior articulação entre a Universidade e a SEC visando ampliações da qualificação dos professores do quadro da rede pública estadual do Rio Grande do Sul.

2.2 O SUBPROJETO TEATRO PIBID-UFRGS

O processo de candidatura para a seleção de bolsistas para compor a equipe do Subprojeto Teatro, um dos pioneiros desta área em todo o Brasil, obteve grande procura por parte dos licenciandos do Departamento de Arte Dramática. Mesmo sendo preenchidas as dez vagas para bolsistas, a equipe ainda foi composta por mais dois licenciandos colaboradores, que se dispuseram a colaborar com o Subprojeto mesmo sem receber ajuda de custo, pois lhe interessavam principalmente as oportunidades de experiência e aprendizado que o Programa oferecia.

Além dos doze licenciandos, a equipe ainda conta com a coordenação da professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, professora adjunta do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e com a supervisão do professor Geraldo Bueno Fischer, professor da área de artes do Instituto de Educação General Flores da Cunha, escola sede do Subprojeto.

A escolha do Instituto de Educação General Flores da Cunha (IE) como sede para o Subprojeto Teatro foi feita não somente porque esta é uma escola com estrutura apropriada para atender as necessidades do Programa, mas sobretudo por seu histórico como importante polo de criação, reflexão e difusão de teatro e educação e formação de público na cidade de Porto Alegre, graças a fundação do Teatro Infantil Permanente (TIPIE), em 1956, pela professora Olga Reverbel.

No entanto, passados cinquenta e quatro anos de sua fundação, o TIPIE encontrava-se praticamente desativado, privado de suas funções originais de local para produção e reflexão sobre teatro na educação, devido à falta de um professor desta área no quadro docente do IE. Neste sentido, o Subprojeto Teatro do PIBID propõe uma parceria com a escola para a revitalização do TIPIE e de suas atividades pedagógicas ligadas ao teatro, proporcionando a aproximação da comunidade escolar com o fenômeno teatral através de experimentações, avaliações e de fruição desta arte.

Dentre os principais objetivos do Subprojeto Teatro, destacam-se: desenvolver, preliminarmente, um amplo estudo acerca da memória do IE e do TIPIE, que permita aos bolsistas envolvidos, bem como à comunidade escolar construir e fortalecer relações de identidade com a escola, favorecendo a implementação das ações em prol da revitalização da atividade teatral no seu contexto; propiciar a inserção dos futuros professores de teatro no cotidiano escolar e oportunizar a sua participação ativa e cooperativa (como observador, colaborador ou ministrante) em experiências metodológicas relacionadas ao ensino de artes; permitir a reflexão sobre o ensino de teatro numa perspectiva global de educação, focalizada nas relações entre as disciplinas e os conhecimentos escolares e na noção de projeto pedagógico; desenvolver e avaliar atividades expressivas individuais e coletivas, jogos tradicionais, jogos dramáticos e jogos teatrais, improvisações e criações cênicas a partir de elementos fundamentais do teatro; contribuir com a escola pública, através de ações colaborativas concretas, que venham ao encontro de interesses e necessidades de alunos, professores, funcionários e dirigentes do IE; proporcionar à comunidade escolar do IE a frequência monitorada a eventos de cunho teatral que se realizem dentro e fora do espaço da escola, com vistas à formação de seus integrantes como espectadores de teatro.

2.2.1 O TIPIE de Olga Reverbel

É impossível falar sobre o TIPIE sem trazer à tona a trajetória histórica de sua fundadora, a docente e teórica Olga Reverbel. Tendo cursado a escola Normal e se tornado professora já aos dezessete anos, Olga Reverbel ingressa no quadro docente do Instituto de Educação em 1937, no terceiro ano da sua carreira, e lá passa a lecionar a disciplina, ainda facultativa, de teatro na educação, no curso de formação de professores.

No ano seguinte, devido à grande procura por parte dos alunos, a disciplina entrou no currículo do curso Normal, criando assim uma iniciativa inédita e precursora de inclusão das artes em currículo escolar, iniciativa esta que seria

consolidada por lei somente em 1971, na Reforma do Ensino. Depois de retornar de Paris, onde foi morar em companhia do marido, o jornalista e escritor Carlos Reverbel, em 1946 e onde estudou e lecionou teatro em cursos de graduação e pós-graduação, Reverbel retoma suas atividades docentes no Instituto de Educação.

Em 1956, com intuito de transformar a prática teatral tradicionalmente realizada nas escolas, em que espetáculos eram montados para serem apresentados em festas e datas comemorativas, nos quais as crianças eram, segundo ela, expostas de forma pouco natural, fazendo vozes e gestos estereotipados, Reverbel cria o Laboratório de Teatro e Didática, um programa de formação de professores para a escola primária que visava a prática teatral na escola a partir da ação espontânea da criança.

Esta experiência resultou na criação do Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação (TIPIE), uma agremiação de cunho didático dirigida por alunos do curso Normal que cuidavam de todos os detalhes da criação e apresentação dos espetáculos, anunciados semanalmente nos jornais de Porto Alegre, e que atraíam público de toda a cidade, inclusive alunos de outras escolas.

Sobre o TIPIE, o teórico e jornalista Fernando Peixoto (1997, p. 76) comenta:

Num colégio tradicional para moças, o Instituto de Educação, a professora Olga Reverbel, utilizando a reforma do Ensino Normal, cria um Clube de Teatro, que logo em seguida passa a ter o nome de Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação (TIPIE), e depois de várias semanas [...] promovendo leitura de peças, oficinas de mímica e interpretação, estréia uma peça de sua autoria, *A chave perdida*, trazendo o artista plástico Glauco Rodrigues para fazer a cenografia. Com estudo e experiência em Paris, Olga Reverbel, com inquietação e permanente entusiasmo, dá início a um movimento dos mais fascinantes do país em busca da renovação e do aprofundamento do teatro para crianças, passando, anos depois a relatar em diversos livros sua intensa e sempre renovadora experiência como professora [...]

Em 1958, Reverbel ingressa como estudante na primeira turma dos cursos de teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde, onze anos depois, viria a lecionar disciplinas relacionadas a teatro e educação, primeiramente vinculada ao Curso de Arte Dramática, depois à Faculdade de Educação e ao Instituto de Letras,

e, ainda, coordenando um trabalho com alunos de 1º e 2º graus do Colégio de Aplicação da UFRGS.

Analisando biografia e carreira de Reverbel, percebemos grande destaque no seu incansável empenho em transformar os moldes de prática teatral utilizados no ambiente escolar. Envolvida com a dramaturgia do seu tempo e atenta às inovações de estudiosos e profissionais do teatro brasileiro e mundial, sua interminável paixão por estudar, pesquisar e praticar teatro foi a principal fonte de nutrição de todo seu legado. A vasta experiência como docente foi relatada e refletida em diversos livros, em que podemos compreender sua concepção de teatro e de educação e acompanhar o desenvolvimento de seu trabalho.

Depois da saída de Olga Reverbel do Instituto de Educação, alguns outros professores de teatro assumiram o papel de levar adiante a cultura, a prática e a reflexão teatral nesta escola. O último professor à frente da disciplina de teatro que se dispôs a continuar a obra de Reverbel foi Paulo Mauro da Silva, que, sendo coordenador do TIPIE na década de 1990, apresentou à direção da escola o “Documento – Projeto TIPIE 90 – Sala Olga Reverbel”, um escrito de manifestação teatral que buscava resgatar a sala de teatro através de recursos físicos e materiais, além de propor uma nova escola para realização de tal projeto. Infelizmente, não encontramos informações sobre a concretização deste projeto, mas este documento prova que, muito antes da chegada do Subprojeto Teatro PIBID ao Instituto de Educação, já houve iniciativa de resgate e revitalização da sala do TIPIE.

A entrada do grupo de bolsistas do Subprojeto Teatro no TIPIE ocorreu em maio de 2010. Nesta ocasião, nos deparamos com dois fatores de estrutura que nos surpreenderam. O primeiro foi a estrutura: uma sala com mais de 100m² de área (fato incomum para salas de aula de teatro em escolas públicas), equipada com piso adequado para absorção de impacto e três paredes cobertas por cortinas pretas. O segundo fator que nos surpreendeu foi a condição deplorável em que se encontrava a sala: o piso estava danificado por riscos profundos e cola de uma fita adesiva mal removida; as cortinas estavam despencando dos trilhos e até grampeadas umas às outras; a iluminação era falha, já que apenas 30% das lâmpadas da sala funcionavam; as roupas e figurinos antigos estavam mal armazenados num dos cantos da sala, cheios de pó e mofo; um colchão velho e estragado e cadeiras

quebradas estavam guardados lá como em um depósito; e a sala inteira estava coberta por muita poeira, mostrando que não era limpa há muito tempo, causando situação insalubre a quem a freqüentava.

Em conversas com a equipe de funcionários e direção da escola, descobrimos que a sala do TIPIE tinha funções bem distintas das originais. Era muito utilizada para aulas de Educação Física, sobretudo em dias de chuva, pois o ginásio da escola fora destruído por um temporal e, por problemas burocráticos, ainda não pode ser restaurado, o que explica as marcas de fita adesiva no chão, que muito se assemelhavam à marcações de quadra esportiva. Também era comum a prática de atividades recreativas dentro da sala do TIPIE, desenvolvida por um projeto promovido pela iniciativa privada que, ao que parece, não tinha uma cultura de zelo pelo espaço público, o que justifica os riscos profundos que danificavam o piso da sala, fazendo soltarem-se pregos e farpas. E, por fim, o TIPIE ainda servia como depósito para material inutilizado, como as cadeiras, mesas e colchão encontrados lá. Na Figura 1 podemos ver claramente como foi encontrada a sala do TIPIE, danificada pelas práticas realizadas lá até a entrada do Subprojeto Teatro.



Figura 1 – O TIPIE em maio de 2010, na chegada da equipe do Subprojeto Teatro PIBID-UFRGS. Foto de Janaina Moraes Franco.

Nesta primeira visita ao IE, os bolsistas do Subprojeto se depararam com uma das primeiras e mais básicas funções do professor de teatro dentro da escola: a de ser uma espécie de “zelador” do espaço físico destinado ao teatro e a de ser também um captador de recursos para a sua manutenção. Depois da busca por um espaço para exercer sua prática docente, ainda é preciso preparar este espaço para que se tenha condições minimamente adequadas de trabalho. Paralelamente, é preciso buscar recursos para restauração e melhoria e manutenção da sala.

A organização e limpeza da sala do TIPIE por parte dos bolsistas iniciou-se por uma triagem do material de figurino, separando, dobrando e embalando tudo que poderia ser restaurado, limpo e utilizado futuramente, e encaminhando o restante para outro destino, assim como foi feito com o colchão e as cadeiras quebradas, como podemos conferir na Figura 2. Depois, munidos de vassouras, desinfetante, panos e baldes com água, providenciaram a limpeza do piso da sala.



Figura 2 – A primeira “faxina” realizada pela equipe do Subprojeto Teatro PIBID-UFRGS na sala do TIPIE. Foto de André Macedo.

Feita a “faxina” inicial, a sala já estava em condições adequadas para sediar as reuniões semanais da equipe do Subprojeto e de receber as atividades pedagógicas que seriam realizadas, como oficinas, intervenções em aulas regulares, encontros de planejamento e avaliação de aulas, conforme apresentado na Figura 3.



Figura 3 – Como ficou a sala do TIPIE depois da primeira organização e limpeza realizadas pela equipe do Subprojeto Teatro PIBID-UFRGS. Foto de André Macedo.

Entretanto, a responsabilidade de realizar a limpeza das salas é da escola. Por isso uma das primeiras solicitações da equipe do Subprojeto junto à direção do IE foi que a sala do TIPIE passasse a fazer parte da agenda da rotina de limpeza da escola, e que esta se realizasse pelo menos duas vezes por semana.

Embora a limpeza da sala pareça uma solicitação simples de ser atendida, esta é uma batalha ainda não vencida pela equipe do Subprojeto. Para que se mantivesse a higiene da sala pelo máximo tempo possível, foi implementada uma “cultura” de manutenção de limpeza, ou seja, foram criadas regras de uso da sala, que estão explicitadas num cartaz (Figura 4) afixado à porta do TIPIE.

SEJA BEM VINDO AO TIPIE!

Espaço para atividades artísticas, corporais e teatrais.

NORMAS DE FUNCIONAMENTO

CONSERVE O TIPIE LIMPO

- Na entrada, retire os calçados e deixe seus pertences no canto esquerdo da sala (ao lado da porta).
- Faça seu lanche (balas, chicletes e refrigerantes) fora do TIPIE e evite trazer materiais (tinta, cola, fita adesiva, etc.) que possam sujar ou danificar o piso.
- JOGUE O LIXO NO LIXO!

MANTENHA TUDO EM ORDEM

- A retirada/devolução das chaves do TIPIE, o cuidado com o seu espaço e o manuseio das cortinas e dos aparelhos (luz / som) são de responsabilidade dos Professores ou Bolsistas autorizados pela Direção do IE.
- Deixe espaço livre para o trabalho: ao concluir suas atividades, verifique se os objetos de cena estão nos lugares em que foram encontrados; e leve embora os seus pertences.
- TEATRO NÃO É DEPÓSITO!

ZELE PELA SEGURANÇA E ECONOMIZE ENERGIA

- Na saída, feche as janelas, apague as luzes e confira que a porta e a grade estejam chaveadas.
 - Ao constatar qualquer irregularidade, por favor, comunique imediatamente à Direção da Escola.
- COOPERE!**

**Participe, colabore, aprenda e divirta-se!
FAÇA TEATRO NO TIPIE!**

Uma iniciativa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/ DEB/ MEC) da UFRGS, em parceria com a comunidade do Instituto Educacional General Flores da Cunha.

Figura 4 – Cartaz com regras de uso e manutenção do TIPIE afixado à porta da sala

Um aspecto interessante a ser observado na elaboração das regras do cartaz é a formulação de sentenças incentivadoras, e não proibidoras. Ao invés de usarmos termos que ressaltam negatividade e que explicitam proibição, usa-se afirmações, como sugestões de ações que concordam com as regras estabelecidas.

Por exemplo, ao invés de se dizer “não suje, não coma, não jogue lixo no chão”, ressaltando a negatividade e proibição, opta-se por dizer “conserva a limpeza, coma fora da sala, jogue o lixo no local adequado”, afirmando e incentivando as formas corretas de agir no ambiente.

Este fator pode parecer irrelevante à primeira vista, mas ao observar seus efeitos percebemos como esses métodos de comunicação direta são mais eficientes, já que são menos impositivos. Isso torna mais fácil aos sujeitos a tarefa de aderir a novas posturas de convivência social.

Essa cultura de zelo pelo espaço público e comum, idealizada pela equipe do Subprojeto Teatro, foi acatada e seguida por toda a comunidade escolar, incluindo alunos, funcionários, professores e direção do IE.

Durante as férias de verão da escola, nos meses de janeiro e fevereiro de 2011, realizamos reparos na sala, previstos no projeto¹ enviado à Capes em 2009. Depois de os bolsistas do Subprojeto passarem alguns meses buscando orçamentos, os seguintes reparos finalmente foram feitos: lixamento e tratamento do piso; lavagem e reforma das cortinas, incluindo a instalação de novos trilhos, mais adequados para o peso das cortinas, e inclusão de puxadores para facilitar o manuseio e garantir maior durabilidade, retirada das persianas danificadas e instalação de cortinas de *blackout* nas janelas; pintura das paredes e aberturas da sala.

Depois dos reparos concluídos, a sala do TIPIE estava renovada, com o tratamento que precisava havia anos, e pronta para receber as atividades do ano letivo de 2011. Vide, na Figura 5, como a sala ficou depois dos reparos:

¹ Aprovado no Edital CAPES/DEB N° 02/2009 – PIBID.



Figura 5 – O TIPIE em março de 2011, depois dos reparos feitos pelo Subprojeto Teatro PIBID-UFRGS. Foto de Janaina Moraes Franco.

3 A ENTRADA NA ESCOLA

A introdução da equipe do Subprojeto Teatro à rotina do Instituto de Educação seria um processo lento e gradual, visto que o IE é uma escola que atende mais de dois mil alunos e que conta com quadro docente e de funcionários proporcionalmente numeroso, para poder dar conta, de forma eficiente, da grande demanda vinda dos alunos e dos projetos educacionais realizados na escola nos seus três turnos de funcionamento diários.

Diante disto, na primeira visita do grupo de bolsistas PIBID ao IE, em maio de 2010, iniciou-se o que seria a gradativa apresentação da equipe e dos objetivos do Subprojeto à comunidade escolar, começando pelos funcionários responsáveis pela entrada na escola, da portaria, e pelo controle do acesso às salas de aula, da coordenação.

Em sua primeira reunião, a equipe do Subprojeto traçou um plano inicial de ações a serem realizadas no IE, que constituiu-se em: pesquisas sobre a história da escola, do TIPIE e de sua fundadora, Olga Reverbel; pesquisa sobre a estrutura e funcionamento da escola e elaboração de um organograma; busca por orçamentos para reparos ainda necessários na sala do TIPIE, como reforma das cortinas, pintura nas paredes e reparos no piso; participação na reunião semanal dos professores para apresentar o Programa e os objetivos do Subprojeto; elaboração de uma oficina, que se chamaria Degustação Teatral, a fim de criar um primeiro vínculo com os alunos da escola, além de sondar e estimular o interesse destes pela prática teatral.

Com a ajuda e mediação do professor Geraldo Bueno Fischer, Supervisor do Subprojeto, o grupo PIBID foi incluído na pauta da reunião semanal dos professores do IE. Nessa ocasião, duas bolsistas, acompanhadas pelo Supervisor e pela direção da escola, e representando toda a equipe do Subprojeto, participaram da reunião para apresentar o Programa e seus objetivos e propor parcerias com os professores para a realização de ações pedagógicas interdisciplinares.

Nesse momento, conquistou-se o apoio desses professores, que imediatamente se mostraram interessados na realização de intervenções teatrais em suas aulas e que, mais tarde, estariam sempre dispostos a nos receber em suas aulas para possibilitar e apoiar a divulgação dos nossos cursos, inclusive incentivando a participação dos alunos e mostrando-se interessados em participar também, solicitando, diversas vezes, a elaboração de uma oficina direcionada especialmente para eles.

Paralelamente a essas ações iniciais de pesquisas e apresentações, foi elaborada a oficina intitulada “Degustação Teatral”, que consistiu um curso breve, de apenas um mês de duração, e que contou com a participação de todos os bolsistas e colaboradores do Subprojeto se revezando como ministrantes e participantes. Essa oficina foi especialmente elaborada para que os alunos interessados pudessem ter uma primeira experimentação teatral, tomando conhecimento da equipe e das atividades que o Subprojeto Teatro pretendia desenvolver na escola, e para que a equipe PIBID pudesse sondar o interesse dos alunos pela prática teatral.

Nesse primeiro contato, a equipe do Subprojeto começou a construir com os alunos uma relação que, com o passar do tempo, viria a se estreitar e se fortalecer ainda mais. Nas conversas realizadas na primeira oficina, pode-se perceber o grande interesse dos alunos pela prática teatral, o gosto pelas artes em geral e também a forte relação de identidade dos alunos com a escola. A equipe do Subprojeto contava, então, com o apoio dos alunos, tão fundamental para o sucesso das ações propostas e para o alcance dos objetivos.

4 ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Uma das formas mais eficientes de iniciar-se na prática docente, experimentando a realidade do sistema educacional brasileiro tal como ele se apresenta, é através da realização de intervenções pedagógicas em aulas regulares do currículo escolar. Esta é uma prática comumente utilizada por bolsistas de subprojetos PIBID de diversas áreas do conhecimento, já que o Programa propõe uma parceria entre os licenciandos e os professores atuantes nas escolas em que ambas as partes trabalhem cooperativamente em uma atividade pedagógica, casando interesses, objetivos e metodologias. Além de ser uma ótima oportunidade para o licenciando bolsista conhecer e encarar de perto a realidade da convivência escolar, a intervenção pedagógica é também uma oportunidade de o professor titular reciclar suas estratégias de trabalho através da pesquisa, exercitando a continuidade de sua formação, ao produzir materiais didáticos e de apoio que possibilitem melhor aprendizagem aos alunos.

Outra atividade pedagógica comumente adotada pelos bolsistas PIBID de diversas áreas é criação de oficinas, geralmente realizadas em caráter livre – fazendo com que as turmas sejam formadas por alunos com grande interesse em participar da oficina –, e no contraturno das aulas regulares do aluno participante.

O Subprojeto Teatro adotou estas duas formas de ação pedagógica como as principais no desenvolvimento do trabalho no Instituto de Educação General Flores

da Cunha. A trajetória, os desafios e aprendizados obtidos com essas experiências serão expostas nas três seções deste capítulo que vêm a seguir.

4.1 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS

Apesar de não haver professor de teatro no quadro docente do Instituto de Educação General Flores da Cunha, os bolsistas do Subprojeto criaram alianças com professores de outras disciplinas para que as intervenções pedagógicas pudessem ser realizadas, e este fator foi muito enriquecedor para a formação desses futuros professores de teatro. Desta forma, eles se obrigaram a pensar numa forma interdisciplinar de ensinar teatro, desafiando-se a buscar novas perspectivas de ação pedagógica e teatral.

Dentre as diversas ofertas, por parte dos professores, para a realização das intervenções pedagógicas, destaco algumas que aconteceram nas disciplinas de Artes Visuais, História, Sociologia, e até mesmo na Educação Infantil.

No segundo semestre de atuação do Subprojeto Teatro no Instituto de Educação, três intervenções pedagógicas foram realizadas. A primeira proposta partiu dos alunos do turno da noite, que solicitaram ao professor de História uma intervenção dos bolsistas de teatro para estreitar as relações da turma através de dinâmicas e jogos teatrais. Paralelamente, foram feitas mais duas intervenções, uma na aula de Artes Visuais no turno da tarde, com a finalidade de fortalecer relações de identidade entre os alunos, e outra nas aulas de Artes Visuais no turno da manhã, onde se realizou uma breve oficina de confecção e manipulação de bonecos.

Abaixo, coloco um trecho do relato feito pelo professor Nelson Machado que, com generosidade e entusiasmo, oportunizou que os bolsistas PIBID realizassem uma intervenção pedagógica em sua aula de Artes Visuais.

“As bolsistas que estiveram empenhadas durante este período se mostraram bastante seguras dos seus objetivos, interagindo de forma inteligente, criativa, com simpatia e muito boa vontade, o que gerou uma participação significativa dos alunos, que demonstraram, por sua vez, grande aceitação nos encontros realizados. O resultado foi bastante surpreendente, não só para os alunos que tiveram a oportunidade de se conhecerem melhor, mas também para o professor, que percebeu uma maior proximidade com seus “aprendizes” após as intervenções. Parabênzimo a iniciativa dos idealizadores do projeto e agradeço às bolsistas pela grande contribuição junto aos alunos do IE. Espero que esta prática se mantenha viva como uma parceria em prol de objetivos ainda maiores.”

No primeiro semestre de 2011, as intervenções pedagógicas se concentraram na Educação Infantil, atendendo as turmas de último ano dos turnos da manhã e da tarde. Esta experiência foi inédita para as bolsistas que realizaram essas intervenções, já que a legislação brasileira não prevê a atuação de professores de teatro neste nível da Educação Básica.

Apesar de se depararem com um grande desafio, já que a experiência teatral para crianças desta idade é completamente diferente dos jovens dos anos finais do ensino fundamental, com quem estamos acostumados a lidar, as bolsistas decidiram aceitar a proposta da Educação Infantil, consultando bibliografia específica e se instrumentalizando para garantir melhor desempenho com crianças tão pequenas.

O principal autor a que recorreram foi Peter Slade (1978, p. 18), que considera as especificidades do jogo dramático infantil e da experiência teatral com crianças desta faixa etária:

Teatro significa uma ocasião de entretenimento ordenada e uma experiência emocional compartilhada; há atores e públicos, diferenciados. Mas a criança, enquanto ainda ilibada, não sente tal diferenciação, particularmente nos primeiros anos – cada pessoa é tanto ator como auditório. [...] A criança descobre a vida e a si mesma através de tentativas emocionais e físicas e depois através da prática repetitiva, que é o jogo dramático. As experiências são emocionantes e pessoais e podem se desenvolver em direção a experiências de grupo. Mas nem na experiência pessoal nem na experiência de grupo existe qualquer consideração de teatro no sentido adulto, a não ser que *nós a imponhamos*.

Ainda em 2011, no segundo semestre, as intervenções ocorreram nas salas de aulas de História e Sociologia, relacionando a prática teatral a conteúdos como

“ditadura militar” e “consciência negra” desenvolvidos nessas disciplinas. Foram utilizados jogos de Teatro Imagem, Teatro do Oprimido e Teatro Fórum, de Augusto Boal, para introduzir noções de teatro aos alunos de oitava série que estavam estudando sobre o período de ditadura militar no Brasil. Relacionando o teatro e a consciência negra, os bolsistas fizeram os alunos experimentarem energias corporais que simbolizavam os orixás da Umbanda, a religião mais antiga da história, provinda da África, e muito popular entre os brasileiros.

As intervenções realizadas pelo Subprojeto Teatro tiveram grande aceitação de alunos e professores, como podemos conferir pelo relato do professor Nelson Machado, transcrito anteriormente. Além disso, posso ressaltar como fator positivo e estimulante, o fato de que a oportunidade de se inserir na sala de aula, em horário regular, com a turma completa, o que na escola em questão, significa um elevado número de alunos, sob o desafio da interdisciplinaridade, proporciona aos licenciandos um maior contato com a realidade que lhes espera em sua futura carreira docente na educação básica, mas num momento em que eles ainda contam com a ajuda dos colegas e com a orientação dos professores e da coordenação do Subprojeto, deixando-os preparados para os percalços que podem vir a ocorrer quando forem profissionais efetivos e completamente responsáveis pelo planejamento e desenvolvimento pedagógico de suas atividades docentes.

4.2 OFICINAS

Depois da primeira oficina ministrada pelos bolsistas do Subprojeto Teatro, intitulada Degustação Teatral, ficou claro que a demanda de interesse por parte da comunidade escolar em participar das atividades realizadas pelo Subprojeto era grande. Por isso, no semestre seguinte foram oferecidas diversas oficinas de iniciação teatral, em todos os três turnos de funcionamento da escola, dando oportunidade para que todos os alunos interessados pudessem participar das oficinas.

Para a realização do trabalho de oficina, os bolsistas se organizavam em pequenos grupos, de duplas a quartetos, e cada um desses grupos era responsável pelo planejamento pedagógico, realização, relato e avaliação das oficinas. A divulgação era feita em todas as turmas, da quinta série do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, incluindo as turmas do curso Normal e de Aproveitamento de Estudos. As inscrições eram feitas no intervalo das aulas, num posto montado pelos bolsistas no saguão da escola.

As oficinas de iniciação teatral contaram com grande procura por parte dos alunos. Por muitas vezes, tivemos que limitar o número de vagas para inscrição ou, quando possível, aumentar o número de turmas oferecidas, devido à grande demanda vinda dos alunos.

Além das oficinas de iniciação teatral, oferecidas semestralmente, a equipe do Subprojeto Teatro teve duas oportunidades de elaborar oficinas específicas de expressão vocal. A primeira, realizada em outubro de 2010 na semana acadêmica ConstruíE, promovida pelo Instituto de Educação, foi voltada para os alunos participantes do evento e interessados em conhecer e aprimorar técnicas de expressão vocal. A segunda foi direcionada para os professores do IE, que por muito tempo solicitaram a elaboração de uma oficina votada à equipe docente e que precisavam com urgência de orientação e ajuda para o melhor uso da voz, já que alguns deles estavam lançando mão do uso de microfones durante as aulas, pois se sentiam prejudicados com as inúmeras aulas que ministravam.

Um fato muito comum em oficinas livres, sejam de teatro ou de qualquer outra área do conhecimento, realizadas em qualquer contexto, é a existência de um certo nível de evasão durante o processo. No início dos cursos, os alunos são levados à aula por curiosidade pelo assunto ou método adotado, ficam sujeitos a uma experimentação. Caso não sejam plenamente conquistados e envolvidos no processo, acabam evadindo.

Este foi mais um dos desafios dos bolsistas de iniciação à docência do Subprojeto Teatro: como elaborar uma oficina que seja agradável e divertida e que possibilite o estreitamento das relações entre professor e alunos, garantindo assim a permanência do aluno no curso? Como garantir que esses elementos sejam obtidos

de forma que não comprometa a perspectiva pedagógica do teatro? Este não é um desafio exclusivo dos bolsistas PIBID, mas é comum também para oficinairos para professores da educação básica, já que na maioria das escolas públicas há um alto índice de evasão escolar, e no Ensino Médio os alunos tem a oportunidade de escolher qual arte, entre as que a escola oferece, eles querem praticar. Eis aqui mais uma questão que os bolsistas de iniciação à docência levarão para sua carreira.

4.3 APRECIÇÃO TEATRAL

Outro objetivo do Subprojeto Teatro que esteve intimamente ligado à prática docente foi viabilização de momentos de apreciação teatral. Durante todos esses vinte primeiros meses de ações junto ao Instituto de Educação, por muitas vezes a equipe do Subprojeto esteve engajada em possibilitar a maior fruição da arte teatral na comunidade escolar, seja promovendo apresentações de espetáculos diversos nas dependências do TIPIE, seja organizando visitas orientadas à mostras teatrais pela cidade.

Dentre os principais momentos de fruição da arte teatral dentro das dependências da escola, destaco primeiramente as mostras semestrais intituladas “Troca de Figurinhas”, em que os alunos participantes das oficinas e intervenções pedagógicas expunham os trabalhos desenvolvidos nessas experiências para colegas, amigos, professores e familiares convidados. Na sua primeira edição, em dezembro de 2010, a mostra Troca de Figurinhas contou com a participação do grupo de teatro da Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS (FUNDARTE). Acompanhados por seu professor e diretor, cerca de dez adolescentes foram apresentar seus trabalhos no TIPIE e assistir as cenas dos alunos do Instituto de Educação naquela manhã de sábado.

Esta troca de experiências foi muito rica, tanto para os alunos do IE quanto para a equipe do Subprojeto Teatro. Para os iniciantes alunos do TIPIE, foi estimulante receber e assistir o trabalho de jovens da mesma idade que eles, vindos

de outra cidade, que fazem teatro há muito mais tempo e, por isso, puderam apresentar cenas mais elaboradas, e também serem prestigiados por eles. Para os membros do Subprojeto, esta mostra sempre foi uma ótima oportunidade para conhecer, conversar e obter um retorno do aproveitamento e do desenvolvimento dos alunos por parte de membros da comunidade escolar com quem quase não temos contato: os familiares.

Além das Trocas de Figurinhas, os alunos do Instituto de Educação tiveram outras oportunidades de apreciar espetáculos dentro das dependências da escola. Quatro espetáculos, de diferentes temáticas, foram levados ao TIPIE e apresentados a diferentes grupos de alunos, desde o ensino fundamental até o Aproveitamento de Estudos. Mas a fruição teatral não se limita ao conforto das dependências escolares. Por muitas vezes, os bolsistas PIBID viabilizaram visitas guiadas a teatros, introduzindo os alunos num contexto muitas vezes desconhecido por eles, e orientando discussões sobre linguagem, pedagogia e crítica teatral.

Aqui vemos mais uma das inúmeras funções que um professor de teatro pode desempenhar no contexto escolar: o de agitador cultural, ou seja, aquele que faz a mediação entre a escola e o teatro feito fora dela, organizando excursões e mostras de espetáculos nas dependências escolares. Maria Lúcia Pupo (2006, p. 11-12) considera que:

Apreciar teatro e experimentar a atividade teatral constitui a via de mão dupla que delimita o terreno de nossa atuação com pessoas de diferentes faixas etárias em instituições de ensino escolares as mais diversas [...].

Pesquisando a história do TIPIE percebemos que uma das suas funções originais, enquanto espaço de prática e reflexão sobre teatro e educação, é também a de formar um público que seja qualificado e capaz de apreciar e criticar o teatro que assiste e pratica. Prova disto é o comentário do ator Paulo Autran (S.A, p. 8) na apresentação de um dos livros em que Olga Reverbel relata suas experiências no TIPIE:

Como tivemos ocasião de comprovar, pessoalmente, em várias temporadas, Olga Reverbel tornou-se também responsável pelo alto nível de grande parte do público jovem de Porto Alegre, onde vem trabalhando há tantos anos, contribuindo para a formação de uma platéia capaz de entender, discutir, criticar e, sobretudo, apreciar os espetáculos que lá se apresentam".

Mas a importância da fruição teatral não se limita à formação de público e à qualificação de possíveis futuros atores. A oportunidade de poder apreciar um espetáculo teatral, com espaço para análise e discussão sobre os diversos elementos que o compõem, favorece também o desenvolvimento intelectual do espectador enquanto cidadão e agente de transformação social.

Considerando que as impressões deixadas pela apreciação de um espetáculo são individuais e exclusivas de cada espectador, já que são construídas por ele a partir de suas experiências, valores e pontos de vista pessoais, é de fundamental importância que o professor de teatro, enquanto responsável pelo apelo pedagógico da fruição teatral, crie espaços para reflexão sobre essas experiências de apreciação teatral, para que os alunos possam estabelecer relações entre a história representada no espetáculo e a sua própria.

Para melhor explicar este conceito, lanço mão das palavras do teórico da pedagogia do teatro Flávio Desgranges (2006, p. 23) sobre a importância da fruição teatral na educação global e integral do cidadão:

Quem sabe ouvir uma história sabe contar histórias. Quem ouve histórias, sendo estimulado a compreendê-las, exercita também a capacidade de criar e contar histórias, sentindo-se, quem sabe, motivado a fazer história.

Esses momentos de apreciação teatral tiveram grande sucesso de público dentro do Instituto de Educação, tanto por parte dos alunos quanto dos professores, que, de modo geral, fazem questão de agradecer à equipe do Subprojeto pela oportunidade de apreciar bons espetáculos e de tornar seus momentos de aprendizado ainda mais agradáveis e enriquecedores.

5 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS ACADÊMICOS

Desde o início das ações do Subprojeto Teatro, a função de pesquisador, indissociável da função docente, esteve presente nos objetivos principais e mais ainda nesta experiência de iniciação teatral. Além das oportunidades de pesquisa e reflexão que esta experiência naturalmente proporciona, já que faz parte das atividades de uma escola de curso superior, os membros do Subprojeto se fizeram presentes em todos os eventos de divulgação científica quanto fossem possíveis.

Nesse sentido, foram publicados artigos e apresentados trabalhos em diversos eventos de cunho acadêmico, desde salões promovidos pela própria Universidade e pelo PIBID na cidade de residência dos bolsistas, até em seminários e congressos realizados por fundações e associações da área do Teatro, em diferentes níveis da educação, por todo o território nacional, como: o 22º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE, em Montenegro, Rio Grande do Sul; o VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), em São Paulo, capital, que apesar de ser um evento destinado a estudantes de pós-graduação, contou com a participação dos licenciandos deste Subprojeto; o Salão de Ensino UFRGS do ano de 2011, realizado em Porto Alegre/RS; e o XXI Congresso Nacional de Arte Educadores do Brasil (CONFAEB), realizado em São Luís, Maranhão.

A participação em eventos de natureza científica é, certamente, um dos fatores mais enriquecedores desta experiência de iniciação teatral: a oportunidade de divulgar os trabalhos realizados no Instituto de Educação; de trocar experiências com colegas de diversas modalidades da educação em teatro de todo o país; de ter momentos de reflexão e discussão sobre as práticas e métodos do ensino de teatro; de produzir material científico e publicá-lo em diversas formas de divulgação. São essas experiências que tornam a participação no Programa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Subprojeto de Teatro, ainda mais única e qualificadora.

Sobre a importância de sempre se manter a natureza pesquisadora na prática docente, trago as palavras do professor Sérgio Farias (2008, p. 28), da Universidade Federal da Bahia, afirmando que:

As boas condições para o ensino-aprendizagem de teatro, e de arte em geral, não vão ser simplesmente *concedidas*. Terão que ser *conquistadas* e o preparo teórico dos professores é fundamental para a argumentação, nas reuniões com os pares e perante os ocupantes de cargos diretivos. Numa sociedade baseada na dominação, [...] não interessa a quem está no poder a formação integral do cidadão, leia-se o desenvolvimento do ser nos domínios cognitivo, psicomotor, afetivo e estético. É isso que a arte na educação promove, sem limitar-se a desenvolver apenas a razão.

Esta fala deixa explícita a importância da pesquisa aliada à prática docente como método de instrumentalização para a eterna luta do professor de teatro por espaço físico e político dentro do contexto escolar.

6 REFLEXÕES

Trago, nas seções seguintes, algumas reflexões sobre as principais impressões apontadas por bolsistas PIBID e alunos do IE a partir destas experiências de iniciação docente em teatro. As falas que mostro a seguir foram disponibilizados em caráter colaborativo por parte dos licenciandos e dos estudantes através da aplicação de questionários e de livres iniciativas de relato de experiências e impressões.

6.1 A EXPERIÊNCIA DOS BOLSISTAS

Ao questionar os licenciandos participantes do Subprojeto Teatro sobre as principais contribuições desta experiência em sua formação profissional, pude

constatar que algumas respostas se repetiram com frequência, tais como: a experiência de ter uma perspectiva pedagógica no início do curso; a possibilidade de ter uma prática de sala de aula refletida; a prática docente aliada à pesquisa; e a conquista do reconhecimento e apoio da comunidade escolar contribuindo para o desenvolvimento e ampliação do Subprojeto. Esses vetores, como se pode perceber, estão fortemente interligados, cada qual se relaciona e proporciona a ocorrência do outro.

A equipe do Subprojeto Teatro foi composta por alunos de diversas etapas do curso de Licenciatura em Teatro, desde calouros até àqueles em estágio de conclusão de curso. Neste sentido, pode-se observar, no estudo destes questionários, que um dos fatores mais citados entre os bolsistas calouros como favorável à sua formação profissional, foi a oportunidade de ter uma perspectiva pedagógica específica desde o início do curso. Diferentemente dos colegas que não participam do Programa, ou que foram introduzidos ao grupo em estágio mais avançado do curso, que têm suas primeiras descobertas de ensino de teatro no terceiro ano da Licenciatura em Teatro, esses bolsistas acabam por desenvolver, através desta experiência, uma visão crítica e analítica sobre os métodos de ensino de teatro desde os primórdios de sua formação docente.

Outra resposta comum entre os bolsistas PIBID sobre os fatores favoráveis desta experiência em sua formação profissional foi a possibilidade de ter uma prática de sala de aula refletida, com espaço para pesquisa e compartilhamento de material bibliográfico através da participação em eventos acadêmicos de cunho científico.

Todos estes fatores resultam no sucesso das ações do Subprojeto Teatro dentro no Instituto de Educação, como podemos observar no depoimento de uma bolsista:

“Pesquisar o espaço físico, assim como conversar com a diretora e com alguns funcionários, coletando informações sobre a escola, nos deram condições para que pudéssemos nos inserir naquele ambiente e para que criássemos oficinas que contemplassem as necessidades dos alunos, proporcionando aos bolsistas uma prática docente que se constrói para e com seus alunos.” (Iassanã Martins)

Além disso, ainda podemos observar que a participação no Programa possibilita ao licenciando vislumbrar os percalços que lhe esperam em sua carreira docente na Educação Básica, como mostram os depoimentos abaixo:

“[Esta experiência] me possibilitou conviver com o ambiente escolar e perceber os principais problemas da docência em teatro dentro da escola pública.” (Gabriela Tavares)

“A educação, enquanto meio de interação social, está totalmente defasada e não condiz com os anseios dos alunos.” (André Macedo)

“Percebi que os professores de teatro atuantes em escolas públicas ainda têm muito que lutar pelo seu espaço físico, curricular, social e político.” (Mariana Silva Freitas)

Ainda podemos ressaltar a satisfação dos bolsistas em contribuir para a ampliação e qualificação da cultura teatral na sua cidade, não apenas através da formação de público dentro da escola, mas também no resgate das funções de espaço de produção cultural em que a escola se configura:

“Creio que uma das ações mais importantes [do Subprojeto Teatro] foi propiciar a reforma e revitalização do TIPIÉ, que é um teatro de importância histórica para a cidade de Porto Alegre e estava abandonado e em um estado deplorável, e que foi devolvido à comunidade escolar completamente renovado.” (Tássia Pfeifer)

6.2 A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS

A curiosidade pela prática teatral, a expectativa de desinibir-se, de desenvolver a expressão corporal e até de se divertir estão entre as principais causas da grande procura por parte dos jovens alunos do IE pela prática teatral. Entretanto, na convivência e construção de uma relação com os estudantes, os

bolsistas PIBID puderam notar nestes jovens a surpresa frente ao que seria efetivamente uma aula de teatro.

Questionados sobre suas impressões, expectativas e surpresas quanto às aulas de teatro, os alunos, em sua infinita franqueza e generosidade, forneceram algumas respostas muito interessantes que destaco aqui:

“Eu pensava coisas boas, pois, quando mais nova, minha mãe fazia [teatro], então sempre fala muito bem do teatro pra mim. Eu me surpreendi comigo mesma, pensei que eu ficaria tímida, mas não foi isso que aconteceu.” (Letícia S.)

“Achava que seria chato, que não teria nada demais, e eu só me inscrevi porque meus colegas e minha mãe me convenceram a fazer. A diversão eu não esperava, as brincadeiras, e de ruim não teve nada.” (Ana Gabriela V.)

“Antes eu pensava que era só fazer uma peça e tchau, mas agora sei que é muito mais que isso. Uma das minhas surpresas é saber o que a gente faz com o teatro, depois fiquei sabendo que do teatro vem os artistas, atores, atrizes, etc.” (Andressa L.)

Quando incentivados a falar sobre as aprendizagens obtidas nas aulas de teatro, os alunos destacaram:

“[Aprendi] que teatro não é brincadeira, mas que ao mesmo tempo é divertido.” (Vitória S.)

“Aprendi a ter imaginação. Isso é uma coisa muito importante, e eu não tinha isso.” (Alexia C.)

“[Aprendi] a ter foco, a decorar, a perder a vergonha e a me divertir numa aula.” (Bruna M.)

Em contrapartida, quando solicitado que identificassem aspectos negativos, que não lhe agradavam nas aulas de teatro, repetidamente apareceram as seguintes respostas:

“As farpas no chão que cravam na pele.” (Angélica M.)

“A sala, o estado dela é deplorável, o que é uma pena.” (Gabriel M.)

“Quando acabam as aulas. Odeio ter que esperar até a próxima quinta-feira.” (Otávio O.)

Quando estimulados a escrever algo que julgassem importante sobre as aulas de teatro, obtive as seguintes respostas:

“Ter teatro todos os dias, menos segunda-feira, sábado e domingo.” (Gabriela G.)

“Acho importante a gente saber se expressar bem, e pra mim é isso que o teatro traz.” (Ravena M.)

“Na nossa idade, ter responsabilidades e entretenimentos, como as aulas de teatro.” (Taís S.)

E, finalmente, em depoimentos espontâneos e não direcionados em respostas a questões específicas, recebi os seguintes comentários dos alunos:

“Depois do teatro comecei a me relacionar melhor com as pessoas.” (Letícia S.)

“O teatro é uma fantasia onde você vê quem somos.” (Ana Gabriela V.)

“Desde pequeno, quando comecei a ler, tentava imaginar as cenas com pessoas normais, as vezes com pessoas do meu dia a dia, isso fez eu me apaixonar ainda mais pelo teatro, mas sei que tenho muito que aprender.” (Gabriel M.)

6.3 AS FUNÇÕES DO PROFESSOR DE TEATRO

Durante o desenvolvimento deste trabalho, procurei elucidar as diversas funções do professor de teatro dentro do contexto escolar. Essas funções foram, gradativa e paralelamente, assumidas por toda a equipe do Subprojeto Teatro, de forma cooperativa, a fim de preparar esses futuros professores de teatro para a longa trajetória na carreira docente.

Aos poucos, foi-se percebendo que o caminho a ser percorrido pelo professor de teatro até o alcance de suas necessidades básicas – como a conquista de um espaço físico adequado para a prática teatral e o reconhecimento de sua arte como uma área do conhecimento fundamental e de função insubstituível na perspectiva de educação global e integral do cidadão – é ainda longo, e que além dessas lutas políticas de contextualização na realidade escolar, o professor de teatro também tem que ser um artista, e ainda parece forçado a desempenhar algumas funções comuns aos professores de todas as áreas do conhecimento, como a de psicólogo, sociólogo, orientador espiritual, amigo, pai/mãe, para as quais não possui formação.

Sobre essas inúmeras funções do professor de teatro, trago novamente as palavras do professor Sérgio Farias (2008, p. 28):

O professor de Teatro necessariamente é pedagogo e é encenador. Mais que os professores de outras matérias, ele precisa ser um pouco ator e precisa ter algo também de dramaturgo, para organizar os textos saídos de improvisações e fazer adaptações. Diante dos dramas da cena e da vida real que afloram em classe, chega a atuar como psicólogo, e não pode se descolar da sua condição de cidadão e de ser político. Como se omitir exercendo uma profissão voltada para o atendimento de uma necessidade

tão básica na sociedade? A quem interessa desmoralizar um profissional que tem uma função dessas, e destruir seu *espaço de atuação*?

7 CONCLUSÃO

Neste momento de considerações finais, percebo como este trabalho, desenvolvido desde o ano de 2010 no Instituto de Educação General Flores da Cunha e que culmina agora na conclusão do meu curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pode servir para os futuros bolsistas do Subprojeto Teatro e para os licenciandos em geral como uma espécie de guia, um apanhado das possíveis ações de um professor de teatro ao lecionar numa escola.

Tais ações envolvem a busca de um espaço para sua prática docente e a luta por melhorias deste espaço; a constante missão de aliar pesquisa e prática docente, não só para qualificar seu trabalho com os alunos, mas também como forma de instrumentalizar-se para as lutas por espaço político, físico e curricular no ambiente escolar; a intermitente função de produtor e agitador cultural, de mediador entre a escola e o teatro feito fora dela, viabilizando a apreciação teatral orientada dentro e fora do espaço escolar; a de encenador; além das funções colaterais e imprevistas, como de conselheiro, de psicólogo, de sociólogo e tantas outras. Em suma, são muitas as funções que um professor de teatro exerce no contexto escolar.

Para os bolsistas do Subprojeto Teatro PIBID-UFRGS, a desafiadora trajetória da carreira docente iniciou-se com vigor e com qualidade especiais, e certamente terá grandes chances de sucesso, já que eles já conhecem a realidade que os espera além dos muros da Universidade, dentro dos portões da escola.

Por conta da conclusão do meu curso, serei automaticamente desligada do Programa. Entretanto, sei através dos relatos e reflexões trazidos neste trabalho, que a relação criada entre os bolsistas PIBID e a comunidade escolar do IE terá, por muito tempo ainda, grande alcance, seja na comunidade docente da área teatral ou até no próprio Instituto de Educação, podendo culminar, talvez, com a conquista de

um professor de teatro no quadro da escola, conforme solicitação já feita pela direção do Instituto de Educação General Flores da Cunha junto à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

Aos bolsistas que continuarão participando do Programa, e aos novos que virão, compartilho aqui a paixão, a dedicação e o compromisso com a educação e com a arte teatral. Seguiremos juntos ainda por esta longa e árdua, mas satisfatória, estrada da carreira docente.

REFERÊNCIAS

AUTRAN, Paulo. Apresentação. In: REVERBEL, Olga. **Técnicas dramáticas aplicadas à escola**. São Paulo: Editora do Brasil S.A.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

FARIAS, Sergio Coelho Borges. Condições de trabalho com teatro na rede pública de ensino: sair de baixo ou entrar no jogo. **Urdimento**. Florianópolis, v. 1, n. 10, p.23-28, dezembro. 2008

PEIXOTO, Fernando. **Um Teatro Fora do Eixo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. *Abraçar e ser abraçado*. **Pedagogia do Teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Sumus, 1978.

ITAÚ CULTURAL, **Personalidades: Olga Reverbel**. 2010. Disponível em http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades_biografia&cd_verbete=8961